



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO-DEC
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

RAQUEL SIMÃO SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: ELEMENTOS QUE INFLUENCIAM NA
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

JOÃO PESSOA

2020

RAQUEL SIMÃO SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: ELEMENTOS QUE INFLUENCIAM NA
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada à banca examinadora do curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo, do Centro de Educação (CE) do Campus I da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Ricardo de Carvalho Costa

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

RSSe Silva, Raquel Simao.

Educação do campo: elementos que influenciam na
aprendizagem nos anos iniciais / Raquel Simao Silva. -
João Pessoa, 2020.
44f.

Orientação: Prof Me Ricardo de Carvalho Costa Costa.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Ensino fundamental.dificuldade de aprendizagem. I.
Costa, Prof Me Ricardo de Carvalho Costa. II. Título.

UFPB/BC

RAQUEL SIMÃO SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: ELEMENTOS QUE INFLUENCIAM NA
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido a Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

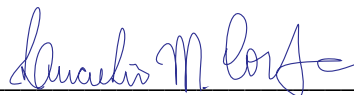
RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

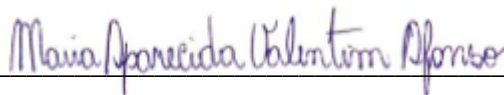
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Ricardo de Carvalho Costa (orientador)
UFPB



Prof. Dr. Luciélio Marinho da Costa (examinador)
UFPB



Prof. Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso (examinador)
UFPB

DEDICATÓRIA

“A tarefa do educador então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado”.

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, por ter me concedido saúde, persistência e inteligência para realizar o presente trabalho. Apesar das dificuldades enfrentadas no cotidiano, especialmente a falta de tempo, já que tudo foi bastante corrido, Deus colocou a mão e fez com que tudo desse certo.

À minha família, que também teve papel fundamental, principalmente meus pais Cleonice e Juvenal e minha irmã Rose que sempre estiveram ao meu lado me apoiando no que fosse preciso. Agradeço pelo amor, apoio e incentivo nas horas difíceis. Em muitos momentos bateram o cansaço e a vontade de desistir, mas minha família sempre esteve presente me ajudando a superá-los. Agradeço a cada oração que fizeram por mim e por sempre estarem ao meu lado. Vocês são um presente de Deus!

Ao meu namorado, Yuri, que sempre esteve disposto a me ajudar em tudo aquilo que fosse preciso e desde o começo da jornada desta pesquisa sempre esteve preocupado comigo e me apoiando. Com palavras de ânimo, principalmente quando o trabalho caminhava a passos lentos, ele nunca me deixou desistir.

Ao professor Ricardo Carvalho, que aceitou ser meu orientador, me ajudando no que foi preciso. Sempre calmo, paciente e sem estresse, me ajudou a enriquecer o trabalho com suas sugestões acadêmicas de muita valia.

A todos os professores que encontrei nessa caminhada acadêmica de cinco anos. Cada um contribuiu para que eu chegasse até aqui na conclusão do curso, e cujo aprendizado carregarei comigo por toda a vida.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram com minha formação, meu obrigado. Essa jornada foi a primeira de muitas que virão, se Deus quiser!

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo geral analisar os elementos que influencia a aprendizagem na educação do campo nos anos iniciais. Para o objetivo ser alcançado, a pesquisa foi dividida em dois momentos: inicialmente, foi realizada a chamada pesquisa bibliográfica, que tem por finalidade colocar o pesquisador diante do que já foi produzido a respeito do seu tema. Na presente pesquisa o embasamento teórico foi em Arroyo (1999), Daros (2013), Freire (1977), Minayo (2002), Molina (2011), Santos (2014), Souza (2020) e outros. Por outro lado, foi feita uma pesquisa empírica com 3 (três) participantes, sendo duas professoras e uma gestora, que trabalham em uma escola do campo da rede municipal de ensino no distrito de Jacumã, município do Conde/PB. Após a coleta, os dados foram interpretados e analisados, tendo sido realizadas a abordagem qualitativa. Os resultados dessa pesquisa nos permitiram entender a importância do papel da família na vida escolar da criança. Penso que um resultado – Os professores ressentem da participação da família na vida escolar dos alunos. Os professores, criam estratégias para que a família se aproxime da escola. Outro ponto encontrado diz respeito a importância da formação em educação do campo, que pode permiti os professores uma ampliação da visão profissional, dando suporte para uma educação direcionada para o público campesino. Assim, diante do que foi pesquisado, considera-se de fundamental importância a relação entre família e escola, reafirmando-se a necessidade do fortalecimento do elo entre elas para que a vida escolar da criança transcorra de forma satisfatória. E ressalta-se a importância da especialização em educação do campo para os profissionais que atuam nessas escolas, de modo que seja levada para sala de aula uma pedagogia que traga a realidade dos sujeitos para ser dialogada e problematizada. Por fim, recomenda-se a continuidade de pesquisa que investiguem a importância da interação da família no espaço escolar e a formação em educação do campo para os professores que ali atuam. Só assim será possível chegar à diminuição dos elementos negativos que culminam na dificuldade de aprendizagem das crianças, e essas pesquisas virão a ajudar futuros profissionais que se identificam e pretendem se especializar na área de educação ou áreas afins.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Dificuldade de aprendizagem. Família. Escola. Educação do campo.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the elements that influence learning in rural education in the early years. For the purpose to be achieved, the research was divided into two moments: initially, the so-called bibliographic research was carried out, which aims to put the researcher in front of what has already been produced about his theme. In the present research the theoretical basis was in Arroyo (1999), Daros (2013), Freire (1977), Minayo (2002), Molina (2011), Santos (2014), Souza (2020) and others. On the other hand, an empirical research was carried out with 3 (three) participants, two teachers and one manager, who work in a school in the field of the municipal education network in the district of Jacumã, municipality of Conde / PB. After collection, the data were interpreted and analyzed, with a qualitative approach. The results of this research allowed us to understand the importance of the family's role in the child's school life. I think a result - Teachers resent the family's participation in students' school life. Teachers create strategies for the family to approach the school. Another point found concerns the importance of training in rural education, which may allow teachers to broaden their professional vision, providing support for an education directed to the rural public. Thus, in the light of what was researched, the relationship between family and school is considered of fundamental importance, reaffirming the need to strengthen the link between them so that the child's school life runs satisfactorily. And the importance of specialization in rural education is emphasized for the professionals who work in these schools, so that a pedagogy is brought to the classroom that brings the reality of the subjects to be discussed and discussed. Finally, it is recommended to continue research that investigates the importance of family interaction in the school space and training in rural education for teachers who work there. Only then will it be possible to reduce the negative elements that culminate in children's learning difficulties, and this research will help future professionals who identify and intend to specialize in the field of education or related areas.

Key words: Elementary School. Learning difficulties. Family. School. Rural education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRIA, CONCEPÇÕES E DIFICULDADES PEDAGÓGICAS	13
2.1 Elementos que influenciam na aprendizagem nos anos iniciais	15
2.2 Ensino e aprendizagem na educação do campo	17
2.3 Dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais	20
2.4 Relação família e escola.....	23
2.5 A Contribuição da formação em educação do campo.....	25
3. PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.1 Espaço da pesquisa	27
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	28
3.3 Instrumentos utilizados.....	28
3.4 Procedimentos.....	29
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
4.1 Falta de professores com especialização em Educação do Campo	30
4.2 Relação família/escola na construção da aprendizagem	32
4.3 Dificuldades de leitura e escrita	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	44
APÊNDICE A	45
APÊNDICE B.....	46

1. INTRODUÇÃO

A educação do campo foi construída por uma longa trajetória de lutas, muito já se conseguiu em termos de políticas de educação do campo, precisa-se, também, avançar na prática para conseguir seu espaço. Porém ainda há muito o que melhorar para se ter uma educação de qualidade. A escola do campo precisa ser vista como espaço de transformação, precisa ser valorizada superando o percurso histórico vivido pela educação no Brasil.

O campo requer uma atenção especial ao modo educacional aplicado, aos problemas de evasão, ao analfabetismo e à falta de qualidade da educação, que mostram a desigualdade educacional dos sujeitos que residem no campo comparados aos da área urbana. Segundo Molina, Freitas (2011, p.20),

Ainda é muito arraigado nos gestores públicos o imaginário sobre a inferioridade do espaço rural, destinando a ele o que sobra no espaço urbano. Isto funciona não só com o mobiliário para as escolas do meio rural, mas também com os meios de transporte. Quanto aos educadores, eles não são concursados, mudam várias vezes de escola num mesmo ano letivo, têm baixa remuneração e suas condições de trabalho são extremamente precária.

A realidade do campo precisa ser valorizada, como afirma Freire (1977, p.21) “Quanto mais alguém, por meio da ação e da reflexão, se aproximar da “razão” do “locus” da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, alcançará o seu desvelamento”.

Há uma necessidade de identificar o que influencia a aprendizagem na educação do campo, a fim de diminuir os problemas existentes, como a evasão dos alunos das escolas, a taxa de analfabetismo – que é bem superior à urbana –, a distorção de idade-série, entre outros problemas existentes relacionados à leitura e à escrita, e a relação entre escola e família. Muitos sujeitos do campo migram para a área urbana em busca de trabalho, deixando suas origens por não acreditar que no campo é possível ter uma educação de qualidade e uma vida confortável. Segundo Molina, Freitas (2011, p.24.)

[...] atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social. Ela se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, no sentido de promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana.

Alguns sujeitos campesinos têm que mudar a forma como veem o campo. Ao invés de uma “educação atrasada”, a educação no campo precisa despertar o lado crítico e participante dos sujeitos, saindo do paradigma urbano. Esse modelo urbano de educação bancária nada vai agregar à comunidade do campo. A valorização deve começar dentro da escola, trazendo a relevância cultural do campo para os alunos.

Diante da constatação das dificuldades e preconceitos pelos quais a educação do campo tem passado e também com a qualidade do processo educativo e com a aprendizagem dos alunos do campo fizemos a seguinte reflexão: Quais os elementos que influenciam a aprendizagem na escola do campo? Esse questionamento motivou a realização dessa pesquisa na tentativa de buscar conhecer as problemáticas existentes, as metodologias aplicadas e o déficit no ambiente escolar das escolas do campo, além de conhecer outros fatores externos que interfiram na aprendizagem campesina. Esse interesse foi despertado no decorrer da graduação, pois até então não conhecia esse universo que englobava a educação do/no campo.

O objetivo geral desse trabalho foi de analisar os elementos que influenciam a aprendizagem na educação do campo nos anos iniciais. Para atingir o objetivo geral foi definido os seguintes objetivos específicos: observar as dificuldades no processo de aprendizagem em uma escola do campo, identificar os elementos que influencia a aprendizagem em uma escola do campo e analisar as dificuldades presentes na escola que afetam a aprendizagem.

Ao identificar os problemas existentes na escola do campo, essa pesquisa busca contribuir na identificação dos elementos que podem dificultar a aprendizagem em escola da área rural, diminuindo dessa forma o déficit de leitura e escrita presente nas séries iniciais e promovendo no aluno uma valorização da educação que é destinada à população campesina.

No primeiro capítulo apresento um breve percurso do que vai ser tratado do decorrer do trabalho de forma sucinta. No segundo capítulo foi construído um breve histórico da educação do campo no Brasil. Em seguida, é apresentada uma maneira pela qual se pode adequar a aprendizagem na escola do campo, de tal forma que contemple os sujeitos que ali vivem e têm todo o direito de ter uma educação de qualidade, com flexibilidade em seu currículo e calendário a fim de que não haja prejuízo na aprendizagem dos estudantes. Por conseguinte, são mostradas as dificuldades encontradas nas escolas do campo, no âmbito estrutural e pedagógico, até os dias atuais, além do déficit encontrado na leitura e na escrita nas séries iniciais. Em seguida, a importância da relação entre família e escola, e para finalizar

os capítulos teóricos trago a contribuição da formação em educação do campo aos profissionais que ali atuam.

No terceiro capítulo, apresento o percurso metodológico usado na realização da pesquisa, os instrumentos, os participantes, os procedimentos de coleta de dados e a análise dos dados obtidos na pesquisa. No quarto capítulo, apresento e discuto os dados obtidos na pesquisa, vinculando os dados com teorias que norteiam a pesquisa. Para finalizar, trago as considerações finais relacionadas aos debates obtidos, aos objetivos e às problemáticas traçados inicialmente. E apresento a contribuição da pesquisa para a diminuição de elementos que interferem na aprendizagem das crianças nos anos iniciais na educação do campo. E relato a importância de se produzir mais pesquisas acadêmicas relacionadas a essa temática.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRIA, CONCEPÇÕES E DIFICULDADES PEDAGÓGICAS

A ideia de educação no Brasil surgiu pela necessidade de alfabetização dos filhos dos europeus que vieram para o país, essa educação sempre se deu de forma excludente, ligada a economia do país, sendo um direito da burguesia e da elite agrária, que sempre buscou permanecer hegemônica. O crescimento da industrialização na área urbana fez com que os sujeitos do campo se evadissem em busca de trabalho nas grandes cidades.

Diante desse fato, a educação rural começou a ser planejada como uma tentativa de fazer com que os sujeitos permanecessem no campo. A elite agrária não queria perder tais indivíduos para a indústria, de sorte que precisavam de trabalhadores para as suas terras. As primeiras escolas rurais eram denominadas de escolas agrícolas e seu funcionamento não era pleno por falta de materiais. Mesmo construídas na área rural, foram pensadas no fundamento das escolas urbanas. Segundo Molina, Freitas (2011, p. 26),

Para que a escola do campo contribua no fortalecimento das lutas de resistência dos camponeses, é imprescindível garantir a articulação político-pedagógica entre a escola e a comunidade, a partir da democratização do acesso ao conhecimento científico. As estratégias adequadas ao cultivo desta participação devem promover a construção de espaços coletivos de decisão sobre os trabalhos a serem executados e sobre as prioridades das comunidades nas quais a escola pode vir a ter contribuições.

Por vários anos e até os dias de hoje algumas escolas do campo não têm uma proposta que reflete sobre os sujeitos camponeses e que traga a cultura local e o saber inerente do sujeito ao âmbito escolar. A partir dos movimentos sociais, iniciou-se a luta por uma educação do campo que pense na realidade do sujeito e em suas particularidades – uma educação não apenas no campo, mas do campo.

Em 1979 foram iniciadas as primeiras ocupações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região centro-sul do país, e logo após o movimento se expandiu pelo Brasil inteiro. Em 1984 ele foi oficialmente criado no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, em Cascavel/PR. Os objetivos traçados naquele ano – e que são levados até hoje – foram a luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade mais justa e sem explorações. Percebendo que era impossível não ter escolas para os jovens, adultos e

crianças estudarem dentro do movimento, a luta por uma escola se aliou em junção com a luta pela terra. Segundo Molina (2011, p. 19),

Tendo sua origem no processo de luta dos movimentos sociais para resistir à expropriação de terras, a Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de um outro projeto de sociedade e de Nação.

A educação que o MST buscava e lutava era por uma educação diferente da aplicada na área urbana, uma educação que reconhecesse o sujeito na sua totalidade, que fosse além do ler e escrever. E assim foi se construindo a luta por uma educação do campo nos movimentos sociais no Brasil. De meados da década de 1980 até hoje houve alguns progressos, especialmente advindos do surgimento de diversos movimentos em diversos locais, acumulando experiências e discutindo a educação do campo.

Em 1998 foi realizada a primeira Conferência Nacional de Educação Básica por uma Educação do Campo. O evento juntou todos os sujeitos que acreditavam, lutavam e vinham acumulando experiência por uma educação do campo. Segundo Arroyo, Fernandes (1999, p. 8),

O assunto foi visto, desde o começo, de tamanha importância que, para tratá-lo com a seriedade, profundidade, alcance e abrangência que merece, entraram em parceria a Conferência de Bispos do Brasil (CNBB), através de seu setor educação e das pastorais sociais, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o fundo das nações unidas para a infância (UNICEF), a organização das nações unidas para a educação e cultura (UNESCO) e a universidade de Brasília (UNB).

A partir desse momento as entidades perceberam a necessidade de continuar com o processo de luta por uma educação de qualidade no campo e a junção dessas entidades fortaleceu e valorizou a luta do MST por uma educação do campo no espaço político. Na política o marco foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei Federal nº 9.394/96, que em seu Artigo 28 trata da “oferta de educação básica para a população rural, cujos sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região”. Logo após foram aprovadas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo e outro marco foram os Seminários Estaduais. Segundo Sousa (2008):

O Seminário vem se constituindo como um espaço público de estudos, troca de experiências e de elaboração de propostas e parcerias. Exerce uma aproximação

entre os sujeitos coletivos e as instituições que se vinculam, de algum modo, à educação do campo. Com isso, informa, gera inquietações e tenta parcerias na organização das experiências educativas na educação básica, superior, de jovens e adultos e formação continuada.

Esses encontros coloca a junção da sociedade civil com o Estado, para um diálogo de conjuntura política. Em 2004 foi realizada a II Conferência por uma Educação Básica do Campo, cujo debate foi por uma educação mais igualitária, justa e democrática, se contrapondo ao agronegócio.

A educação do campo cria força através das secretarias estaduais e municipais de educação, organizações não governamentais, universidades e movimento sindical. Segundo Souza (2008):

Ainda que o MST seja o sujeito forte na rede social, como já foi dito, ele irradia o debate da educação do campo e atrai os sujeitos que com ela trabalham, fortalecendo assim a sua própria atuação política na organização de uma proposta pedagógica que valoriza a "cultura camponesa" e que questiona as relações de classe que marcam, particularmente, a realidade do campo brasileiro.

A educação do campo busca a valorização dos sujeitos que ali vivem, numa perspectiva de formação humana. Através do diálogo, é construída essa troca de conhecimento mediatizada pelo mundo. A palavra não deve ser exercida apenas pelo docente sobre o discente, como pronta e acabada, mas juntos – em uma relação de mão dupla – devem discutir e adquirir conhecimento para a emancipação do homem no mundo.

2.1 Elementos que influenciam na aprendizagem nos anos iniciais

A escola tem a função de educar e socializar o educando, para ele ter possibilidades de interagir com os diversos conhecimentos presentes nas várias disciplinas que pertencem ao currículo escolar. Segundo Daros, Melo (2013, p.4), “o currículo deve ser analisado e entendido de maneira que o fundamento de análise envolva as relações de poder, suas bases sociais, culturais, ideológicas, para assim produzirmos um conhecimento crítico-reflexivo de alicerces sociais”. Na escola se busca desenvolver as diversas áreas que contemplam a aprendizagem, que percorrem o lado físico, social e mental. Deve-se tentar trabalhar os conteúdos para eles se relacionarem por esses três níveis. E a aprendizagem não se dá de forma uniforme, pois cada um tem suas particularidades que precisam ser respeitadas. Segundo Daros, Melo (2013, p. 2),

Sabe-se que a escola é o local que possibilita a ampliação dos conhecimentos, portanto os aspectos da realidade têm que ser tomados como ponto de partida do processo pedagógico e compete ao professor definir os conhecimentos locais e aqueles historicamente acumulados que devem ser trabalhados.

O professor tem que tentar observar as dificuldades e a afinidade que cada aluno tem com determinado conteúdo, para assim traçar seu plano de trabalho. Não é tarefa simples, sendo fundamentais a existência de determinação e amor pela profissão. Quando o professor não se atenta a esses detalhes, fica bem complicado obter resultados positivos na aprendizagem. Segundo Daros, Melo (2013, p. 2),

Trabalhar com diferentes saberes significa em primeiro lugar não hierarquizá-los, nem considerar que eles são propriedade somente dos educadores ou dos educandos. Todos somos detentores de saberes, além de ampliá-los e diversificá-los pela partilha e produção coletiva de novos saberes.

Cada sujeito traz sua história e seus conhecimentos prévios, que devem ser respeitados e trabalhados em sala mediante a socialização com os outros colegas, em aulas dialogadas em que o professor deixa de ser o centro do conhecimento e trabalha de forma horizontalizada com seus alunos. De acordo com Daros, Melo (2013, p. 3), “Há saberes que se constituem em ideias, outros em posturas e comportamentos, outros em habilidades, o que implica metodologias e didáticas igualmente diferenciadas”. Conforme ressalta o autor, há uma troca de conhecimento na qual todos apreendem, tanto o professor quanto o aluno.

Através de seus conhecimentos prévios, em uma relação dialética com seus colegas e professores, ensina-se e aprende-se ao mesmo tempo. Segundo Freire (1977, p. 36), “O papel do educador não é o de “encher” o educando de conhecimento, de ordem técnica ou não mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador- educando educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos”. Em aulas nas quais só o professor fala e dita as regras não existe socialização. Esse modelo tradicional de ensino transforma o aluno em um depósito de conhecimento no qual o professor fala e os alunos escutam calados sem direito de se posicionar, privando a sua autonomia e tornando-os incapacitados na forma de pensar e questionar os problemas que o cercam na sociedade.

A diversidade dos sujeitos do campo é grande, podendo encontrar-se ali quilombolas, pescadores, ribeirinhos, assentados entre outros. Cada sujeito tem suas particularidades e é necessário que haja uma adaptação no currículo a fim de enfatizar tais diversidades existentes, trazendo o protagonismo da educação do campo para o sujeito que ali vive.

É preciso desconstruir a ideia de que o homem do campo só tem direito a uma educação superficial – apenas ler e escrever para sobreviver. O currículo da escola do campo deve incluir a cultura local nas suas práticas pedagógicas, de modo que os sujeitos devem ser protagonistas da sua história. A escola do campo tem que ter a identidade cultural local, de tal modo que os sujeitos tenham estímulo de participar das suas práticas.

Não faz sentido uma escola no campo ter um currículo voltado às práticas da zona urbana, já que vai ser algo muito distante da realidade dos sujeitos, que não terão nada que lhes atraia a participar das atividades e a incentivar as crianças a ir para a escola. Segundo Daros, Melo (2013, p. 9),

A escola socializa a partir das práticas que desenvolve, pelo tipo de organização do trabalho pedagógico que seus sujeitos vivenciam; pelas formas de participação que constituem seu cotidiano. São as ações que revelam as referências culturais das pessoas, educandos e educadores. É trazendo à tona estas referências que elas podem ser coletivamente recriadas e reproduzidas.

A fala do autor traz a organização do conteúdo programático pela escola de modo a proporcionar aos alunos vivências que permitam a eles expressar o que sentem, compreendem, percebem do seu cotidiano e dos aspectos culturais e sociais que vivenciam

É a partir da situação que se deve absorver os anseios dos sujeitos e organizar o conteúdo programático. Propor ação, desafiá-los a irem além do nível intelectual e agirem diante dos problemas que os afligem. Não se pode apenas dissertar e tampouco doar conteúdos que nada tenham a ver com a realidade, pois isso pode até aumentar a consciência oprimida dos sujeitos. O professor não pode impor sua visão de mundo aos alunos, mas refletir com eles a situação em que se constitui o mundo. Se a linguagem do professor não sintoniza com a do aluno, a sua fala não vai ser entendida, vai ser apenas uma fala alienante.

2.2 Ensino e aprendizagem na educação do campo

O surgimento da educação do campo se dá a partir de reivindicações dos movimentos sociais, que lutaram para gerar uma política educacional que evidencia as características inerentes ao homem do campo e ao território camponês, transformando a área rural como espaço pedagógico.

A educação é algo essencial para um sujeito se desenvolver na sociedade, e esse direito não pode ser diferente aos moradores da área rural, devendo ser garantidos a eles os direitos garantidos pela LDB, lei 9394/96 que em seu Artigo 28 prevê:

oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida e de cada região especialmente:

- I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II- Organização escola própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III- Adequação à natureza do trabalho na zona rural. (Brasil, 1996)

Esses direitos dão autonomia aos sujeitos do campo, que por muito tempo foram negligenciados pelo poder público, sendo impedidos dessa forma de terem uma educação de qualidade e adaptada aos seus interesses.

As mudanças no cenário educacional do campo ainda são incipientes, existindo problemas na localização e no pequeno número de pessoas que frequentam as escolas. Esses e outros problemas levaram a educação do campo ser vista pela população da área urbana como uma educação inferior, com precariedade na estrutura e déficit na formação dos professores.

A falta de preocupação na formação de profissionais que atuam nessas escolas ainda é vista nos dias atuais. Os docentes, ao se depararem com a realidade das escolas do campo, acabam copiando o modelo tradicional que é aplicado na área urbana, sem em nenhum momento se preocuparem em trabalhar com a cultura peculiar dos sujeitos inseridos na realidade do campo. Os futuros profissionais em formação que pretendem trabalhar na educação do campo precisam contextualizar as necessidades e interesses inseridos no campo. Segundo Daros, Melo (2013, p. 14), “Os conteúdos devem ser selecionados a partir do significado que têm para a comunidade escolar, e as estratégias metodológicas devem possibilitar ao professor que relacionem os conteúdos científicos aos do mundo da vida dos educandos”. Diferenciando a educação do campo de uma educação tradicional aplicada na área urbana, esse reconhecimento vem através de conhecer toda a luta por trás da educação do campo até os dias de hoje. Segundo Daros, Melo (2013, p. 9),

A escola socializa a partir das práticas que desenvolve, pelo tipo de organização do trabalho pedagógico que seus sujeitos vivenciam; pelas formas de participação que constituem seu cotidiano. São as ações que revelam as referências culturais das pessoas, educandos e educadores. E é trazendo à tona estas referências que elas podem ser coletivamente recriadas e reproduzidas.

A escola do campo nada mais é que do que uma escola que com sua prática pedagógica pensa na realidade do campo, ajuda os sujeitos que ali vivem a reconhecerem seus direitos, fortalecendo-os e mostrando que eles também são sujeitos sociais que podem atuar na sociedade através de sua história, luta, saberes e cultura.

O campo não pode ser visto como lugar de atraso, pois ele é rico culturalmente, e traçar uma educação para esses sujeitos requer pensar nas suas necessidades. A escola do campo não se limita apenas pelo seu espaço geográfico, porém está pautada na vida dos sujeitos e na sua cultura local que constitui seus modos. No campo o professor tem que pautar suas práticas pedagógicas na valorização humana, no empoderamento do sujeito, tornando-o ativo, crítico e participativo.

Muitos jovens acabam se evadindo do espaço escolar por não encontrarem sentido nos ensinamentos recebidos, totalmente distorcidos da realidade em que vivem. E os que permanecem tem que se adaptar ao modelo educacional trabalhado em sala de aula, voltado ao modelo da área urbana. Segundo Daros, Melo (2013, p.8), "Valorizar a cultura dos povos do campo significa criar vínculos com a comunidade e gerar um sentimento que pertença ao lugar e ao grupo social. Isso possibilita criar uma identidade sociocultural que leva o aluno a compreender o mundo e a transformá-lo".

A escolarização do campo tem que ser fundamentada na realidade presente, na forma em que o camponês pensa, faz e relaciona seus problemas pessoais e coletivos com a sociedade. A escola do campo tem que estar totalmente articulada com a realidade da criança e de sua comunidade, devendo a diversidade encontrada no campo, na esfera social e econômica ser lembrada no momento de criar as atividades pedagógicas. A escola tem que garantir o acesso a determinados assuntos, de modo que os sujeitos participantes do processo educacional devam usufruir da aprendizagem para esse direito ser garantido, devendo o professor estar atento ao discurso dos alunos.

Quando o professor não presta atenção, pode acabar impondo uma metodologia descontextualizada, pautada em conteúdos dos livros didáticos, que por sua vez abordam temas distantes da realidade vivida. Segundo Daros, Melo (2013),

Na construção de uma visão de mundo, muitas vezes, a escola trabalha conteúdos fragmentados, ideias soltas, sem relação entre si e muito menos com a vida concreta; são muitos estudos e atividades sem sentido, fora de uma abordagem mais ampla, que deveria ser exatamente a de um projeto de formação humana. Para que a escola cumpra esta tarefa, é necessário que a escolha dos conteúdos de estudo e a seleção de aprendizados a serem trabalhados em cada momento não seja aleatória, mas feita dentro de uma estratégia mais ampla de formação humana.

Alguns professores rotulam os alunos do campo como estudantes com "ritmo lento de aprendizagem", mas essa é uma visão equivocada. Na hora de planejar as tarefas, deve ser levado em consideração o tempo de percepção dos alunos. Segundo Santos (2014, p. 5),

Na maioria das vezes, muitos dos alunos têm dificuldades na leitura e escrita e geralmente são levadas a outras dificuldades de aprendizagem, levando em consideração que na maioria das vezes são alunos não que não conseguem aprender a ler e escrever nas series iniciais do ensino fundamental e conseqüentemente levam consigo para as outras series desencadeando muitas dificuldades de aprendizagem em todas as disciplinas e levam isso para a sua vida social, não se desenvolvem intelectualmente, como se lessem e escrevesse não conseguem atingir uma realização emocional e social plena.

O educador que atua na escola do campo precisa ter uma formação sólida sobre a educação em escolas do campo que abranja a dimensão educativa presente na área, uma formação que contemple o educador agir como um agente de transformação da realidade social. Um dos pontos que torna precária a educação do campo é a falta de profissionais oriundos do próprio campo, que conheçam de perto a cultura e os saberes locais. Essa falta de vivência deve ser recompensada na formação continuada para educadores e gestores, com suporte teórico a fim de aproximá-los à vivência do campo.

As dificuldades de aprendizagem não podem ser atribuídas apenas ao professor, mas deve ser analisado o ambiente familiar em que ele vive. Segundo Santos (2014, p. 7),

Devemos levar em consideração que cada aluno tem um desenvolvimento próprio, no seu tempo, e a família tem papel fundamental no processo de ensino aprendizagem, pois é a família quem deve proporcionar as primeiras bases para que o aluno tenha um bom desempenho escolar, orientar como fazer o dever de casa, com horários determinados, geralmente quando a família auxilia os alunos nas atividades, acompanha o desempenho participa da vida escolar do mesmo, valoriza o que a criança sabe fazer, para que ele tenha autoestima, e continue melhorando cada vez mais o seu desempenho nas atividades que vai realizar.

A escola e a família têm papéis importantes para se contemplar a aprendizagem. Os dois têm que caminhar juntos para dar suporte ao aluno no campo escolar e no convívio social, devendo haver o acompanhamento dos pais em casa, dando suporte nas tarefas e sempre ficando atentos no que se passa no ambiente escolar, de modo a favorecer o sucesso na aprendizagem desse aluno.

2.3 Dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais

O processo de aprendizagem se dá através da influência de uma gama de fatores. Os fatores externos que cercam a criança, que podem estar presentes no ambiente escolar, tanto na escola quanto na sala de aula, que tendem a prejudicar a aprendizagem da criança, como: o

número excessivo de alunos, ventilação e iluminação inadequadas, carteira e/ou lousa em condições inadequadas etc., contribuem para a eficácia (ou não) da aprendizagem. Outro fator são os professores desmotivados e que não gostam dessa interação com a criança. Segundo Tabile (2017, p. 76),

A desordem do aprendizado afeta a capacidade do cérebro em receber e processar informações, o que pode comprometer o ato de aprender. Importante ressaltar que não se deve confundir dificuldade de aprendizagem com falta de vontade de realizar as tarefas, algo bem comum nessa fase.

Outros aspectos estão ligados à saúde da criança, como problemas oculares e auditivos, que em muitos casos são mínimos, não sendo perceptíveis pelo professor, o que acaba atrapalhando o desempenho da criança. Aspectos psicológicos como ansiedade, medo e receio de ir para o ambiente escolar também interferem de maneira negativa o aprendizado. Todo esse momento inicial de ida para a escola pode ser estressante para algumas crianças, cabendo aos pais ficarem atentos a esses sintomas e procurarem ajuda a fim de tentar resolvê-los, especialmente em casos de níveis extremos.

A aprendizagem da leitura e da escrita é complexa, exigindo dedicação por parte da criança e do professor. Durante a alfabetização as crianças podem apresentar muitas dificuldades. Elas podem apresentar ritmos diferenciados de aprendizagem – forma de contato diferenciado com a leitura e a escrita na família – estímulos sociais e culturais para sua aprendizagem.

A leitura trabalha com duas vias, a visual e a fonológica, que ocorrem simultaneamente, uma reconhece a grafia e a forma, e ao mesmo tempo se faz o reconhecimento fonológico, que consiste na associação do som à letra, e a partir daí vai para o processo de decodificação e codificação das palavras. A criança que tem competência de leitura consegue formar as palavras a partir dos sons e das letras, fazendo também o contrário. É importante que a criança saiba construir e desconstruir as palavras, isso é decodificar e codificar. Segundo Tabile (2017, p. 76), “Sabe-se que a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais”.

A partir do reconhecimento visual e sonoro das palavras é que se consegue associar ao significado das palavras, fazer a associação semântica. Para que essa associação se consolide, o professor deve ir relacionando partes do texto a algo concreto, saindo do abstrato,

relacionando com algo do universo da criança, isto é, com coisas já vivenciadas por ela. Só assim a criança vê sentido na leitura. Segundo Leal (2010, p. 14),

O processo de leitura não se trata apenas de um produto final do processo escolar, mas sim, uma importante conquista para o desenvolvimento de uma sociedade. O aluno ao aprender a ler, começa a desenvolver melhor a linguagem tornando-se mais comunicativo, fazendo parte de um grupo social com vida e histórias individuais.

A leitura possibilita a expressão de sentimentos quando a criança compreende o que lê, associa os fatos ouvidos ou lidos com as experiências de vida, etc. Para isso, a sala de aula deve ser um espaço dialógico, dando voz a criança, e o professor deve ouvi-la.

É de fundamental importância trabalhar a ordem correta da leitura, segunda a BNCC (2017, p.95) estão inseridos nos protocolos de leitura, o seguinte:

(EF01LP01) Reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima

para baixo da página.

(EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso

frequente, ler globalmente, por memorização.

(EF12LP02) Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulam em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses.

Essa é uma habilidade que deve ser trabalhada desde a educação infantil e consolidada nos anos iniciais do ensino fundamental, durante o processo de alfabetização. Se o professor identificar que a criança tem alguma dificuldade relacionada a essas habilidades, é um sinal de que aquela criança vai ter alguma ineficácia na leitura e na escrita, e esse problema deve ser solucionado o mais rápido possível sob pena de prejudicar o aluno no decorrer da sua vida escolar. Segundo Leal (2010, p. 10),

As crianças com dificuldade de aprendizagem geralmente não conseguem um bom desempenho na vida escolar. A sua capacidade intelectual parece congelar fazendo com que o seu desempenho na escola seja inconsciente. Os alunos com dificuldades de aprendizagem podem manifestar comportamentos problemáticos, apresentarem problemas como: falta de atenção, distração, perda de interesse por novas atividades, deixar atividades ou trabalhos inacabados, dificuldade para seguir instruções do professor, faltar as aulas.

A escrita está associada à coordenação motora do processo, que por sua vez está ligada à sensibilidade que a criança desenvolve com a pressão feita por ela no lápis para escrever e ao mesmo tempo à memória visual, esse é um aspecto da escrita voltado para as habilidades motoras. Temos um outro aspecto: o cognitivo- que envolve a compreensão do sistema de escrita alfabético suas características fonológicas e léxicas. No processo de leitura e escrita, primeiro se aprende a ler e em seguida a escrever, de tal modo que a leitura parte do pressuposto perceptual e a escrita, do motor e dos movimentos. No fim das contas, os dois processos se unem, transformando-se numa forma de comunicação de acesso ao conhecimento. Se os profissionais não estiverem satisfeitos com o trabalho que eles exercem ou forem profissionais frustrados, isso resultará na influência negativa da aprendizagem dos jovens.

2.4 Relação família e escola

Um dos principais fatores relacionados à aprendizagem da criança é a família, por ser o meio no qual a criança tem seu primeiro contato e interação. A escola tem por objetivo complementar a ação familiar. A escola e a família devem exercer uma relação favorável para que a criança tenha um bom desenvolvimento educacional nos aspectos intelectual, psicológico, físico e social. A escola é vista como o espaço social responsável pelo processo educacional, e em muitas escolas os alunos são vistos de forma homogênea, sendo tratados como iguais sem levar em consideração suas diferenças, deixando de lado suas especificidades. Para Batista (2016, p. 2),

O surgimento da escola como instituição social responsável por transpassar conteúdos de interesse geral modificou por completo as relações humanas vivenciadas na antiguidade. A invenção da escola possibilitou que o processo educacional estivesse centrado em um local apropriado para isso, todavia também provocou em muitos casos o esvaziamento das relações de ensino aprendizagem no seio familiar

O papel da escola é promover cidadania e cultura, envolver a criança em sua cultura local, despertando desde cedo essa valorização cultural na criança. O papel da escola é formar cidadãos críticos perante a sociedade. Por muitas vezes o professor é confundido e visto como substituto dos pais. Segundo Polonia e Dessen (2005, p. 304),

A escola deve visar não apenas a apreensão de conteúdo, mas ir além buscando a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideias, ideais, crenças e valores.

A união familiar com a escola potencializa a qualidade da aprendizagem dos alunos, devendo ambos buscarem estratégias para relacionar os conteúdos com a vivência da criança, despertando sentido aos alunos. Deve-se pensar nos vários tipos de famílias existentes, especialmente se existem leitores no seio familiar, se há incentivo à leitura, aos estudos e à frequência escolar por parte da família. Muitas crianças vivem em ambientes conturbados com pais violentos, passando por processo de separação, entre outros problemas que interferem negativamente no desempenho educacional. Para Polonia e Dessen (2005, p. 305),

[...] esses dois contextos onde o aluno realiza sua aprendizagem são diferentes e diversificados, é importante também identificar e lidar com as similaridades e diferenças entre eles. Na escola costumes, espaços, recursos, expectativas, experiências, linguagem e valores podem ser diferentes da família ou, quando similares, podem diferenciar-se em grau.

O afastamento da família do ambiente escolar faz a criança perder o estímulo para aprender. É no ambiente familiar que se começa a perceber o mundo e se inserir nele, sendo a família o primeiro referencial que a criança tem, construindo assim as primeiras regras de valores. São os ensinamentos dos pais que vão construir na criança o futuro cidadão que vai se inserir na sociedade. A ausência dos pais na atuação educacional deixa a criança sem um ponto de referência, desencadeando problemas psicológicos e inseguranças. De acordo com Batista (2016, p. 6),

A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade.

Os conhecimentos adquiridos na escola ganham sentido quando são combinados com outros conhecimentos construídos fora do ambiente escolar, ou seja, a educação depende da participação da família dentro e fora da escola. A participação dos pais não pode ficar restrita apenas às reuniões escolares, quando são chamados pelo professor à escola ou em festas comemorativas, de sorte que esse tipo de participação escolar é muito superficial e não vai contribuir com a aprendizagem da criança.

Os professores precisam conhecer o que se passa no ambiente familiar da criança para compreender, respeitar e ter condições de desenvolver estratégias de sucesso. Nessa relação a família também sai com sua bagagem cheia de informações da escola, sobre o andamento e rendimento escolar dos seus filhos, sendo uma relação de troca mútua de informações.

2.5 A Contribuição da formação em educação do campo

A política de formação da educação do campo é resultado de uma luta dos movimentos sociais. A educação do campo surge como um novo paradigma que coloca os sujeitos do campo em uma posição de protagonismo. Segundo Molina (2017, p. 589),

Entende-se que um dos diferenciais dessa matriz diz respeito à sua origem: foram as experiências formativas acumuladas pelos trabalhadores rurais, especialmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nas lutas pelo direito à terra e à educação, que possibilitaram o acúmulo de forças que levou à elaboração e implantação dos cursos.

A escola tradicional é marcada pela fragmentação do conhecimento, pela descontextualização e formação para o mercado de trabalho. A educação do campo vem combatendo essas características principais da educação tradicional, pensando em fortalecer a luta da classe trabalhadora, dar mais dignidade às pessoas que vivem no campo. De acordo com Molina (2017, p. 590),

[...] essas Licenciaturas têm uma marca constitutiva fundamental, que é o fato de já terem sido projetadas assumindo uma posição de classe, rompendo tradicionais paradigmas que afirmam a possibilidade da neutralidade da produção do conhecimento científico e das políticas educacionais. As LEdoCs são planejadas considerando-se a luta de classes no campo brasileiro e colocando-se como parte e ao lado do polo do trabalho, assumindo e defendendo a educação como um direito e um bem público e social.

A educação do campo dá uma utilidade social para o conhecimento produzido na escola, dá respostas aos problemas da realidade, de modo que a especialização em educação do campo qualifica a prática se aproximando cada vez mais da realidade do campo, rompendo a marca da escola tradicional que ainda é muito presente nas escolas campesinas. Para Molina (2017, p. 591), “A matriz formativa da educação campesina parte do princípio dela como

formação humana, recusando a matriz estreita e limitada da escola capitalista, cuja lógica estruturante é a produção de mão de obra para o mercado”.

Essa educação tenta mostrar que o campo produz vida, produz conhecimento e pode ter um projeto educativo de emancipação humana vinculado a um projeto educativo da classe trabalhadora, visando seu processo de formação humana a partir da sua realidade, luta e cultura e principalmente se concretiza na garantia e permanência do homem do campo, a fim de que ele possa se educar, ter dignidade e acesso ao conhecimento. De acordo com Molina (2017, p. 592),

sua lógica formativa se baseia na imprescindível necessidade de superação da sociabilidade gerada pela sociedade capitalista, cujo fundamento organizacional é a exploração do homem pelo homem, a geração incessante de lucro e a extração permanente de mais-valia.

A especialização em educação do campo possibilita ao professor entender melhor essas relações entre família e comunidade, a questão fundiária, entre outros fatores que circulam nesse meio. Trabalhar com uma educação pensada no campo contribui para a diminuição do êxodo rural, da evasão escolar e de outros inúmeros fatores negativos existentes.

Esses problemas acontecem porque as escolas do campo por muitas vezes ficam muito distantes da realidade do agricultor familiar, do pescador, do quilombola, que são os sujeitos participante da escola, e a educação do campo possibilita essa relação bem próxima de todos os atores que ali vivem.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa exploratória. Esse tipo de pesquisa, segundo Minayo (2002, p.21), “Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. O que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis”.

Ou seja, é o lado subjetivo do objeto de estudo, não é nada contabilizado em números e estatísticas, buscando particularidades e experiências individuais dos sujeitos. O pesquisador nesse tipo de pesquisa procura interpretar a situação em que seu objeto de estudo está inserido, e a partir da visão dos participantes busca sua interpretação dos fatos, embasado em autores relacionados com o objeto de estudo e dos dados obtidos por meio dos instrumentos utilizados.

Nesta pesquisa busco analisar os elementos que influenciam na aprendizagem nos anos iniciais da educação do campo. Esta pesquisa está formulada em dois momentos. De início, foi realizado levantamento bibliográfico que traz um estudo sobre as dificuldades encontradas na educação do campo, propondo ao pesquisador conhecer autores e obras que já foram produzidas sobre o tema, a exemplo daqueles que foram usados como base nesta pesquisa: Molina (2011), Arroyo (1999), Souza (2008), Daros (2013), Santos (2014) e Freire (1977). Por fim, foi feita a pesquisa de campo, que teve como participantes professores e gestora do processo educacional de uma escola do campo.

3.1 Espaço da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola do campo, situada em Jacumã, distrito do município do Conde/PB. Há aproximadamente 20 km de distância da capital de João Pessoa, foi fundada em 1977 pelo prefeito em vigor Almir Correia, que homenageou o Deputado José Mariz, dando o seu nome a esta Unidade Escolar. Ela foi reestruturada em 1980, em 2002 foi ampliada e reformada. Entre 2008 e 2009 foi implantado o ensino Fundamental II, para atender as necessidades desta localidade. A escola é atendida pelos projetos PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), Programa Nacional de Alimentação Escolar, PDDE (Programa de Dinheiro Direto na Escola), Programa Novo Mais Educação, Programa Nacional de Apoio

ao Transporte Escolar, Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, Programa Escola Acessível e o PNAIC (Pacto nacional pela Alfabetização na Idade Certa).

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras (2º e 5º anos) e a gestora adjunta da escola pesquisada. A professora do 2º ano é graduada em libras e pedagogia, tem especialização em educação inclusiva e psicopedagogia. Faz dois anos que atua na escola. A professora do 5º ano, tem graduação em pedagogia e especialização em orientação e supervisão, atua a quatro anos nessa escola. A gestora adjunta, é formada em pedagogia, e está se especializando em neuropsicopedagogia, atua na escola, mas já tem experiência de sala de aula do ano de 2009 a 2013, e em 2016 atuou como diretora em outra escola.

3.3 Instrumentos utilizados

A entrevista foi realizada no dia 04/03/2020, iniciou aproximadamente às 7h10 da manhã, na sala de informática da escola. A primeira entrevistada foi a diretora, em seguida a professora do 2º ano e no momento do intervalo, a professora do 5º ano, de modo que não atrapalhasse o horário da aula.

O instrumento usado para a coleta de dados foi a entrevista. Segundo Minayo (2002, p. 57),

a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva.

Logo, a entrevista (APÊNDICE A) foi semiestruturada, tornando-a mais flexível e possibilitando um amplo campo de interrogativas diante das respostas obtidas pelo pesquisador. As perguntas serão voltadas para identificar os elementos que dificultam a aprendizagem na educação do campo. Segundo Minayo (2002, p.58),

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a

entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto, bem como com as estruturadas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades caracterizando-se como entrevista semi-estruturadas.

3.4 Procedimentos

Na coleta de dados, inicialmente foi entregue o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) – (APÊNDICE B) – aos sujeitos participantes da pesquisa. Toda a entrevista foi gravada e depois transcrita, interpretada e analisada e discutida. A análise vai além do senso comum e da subjetividade, de modo a alcançar o nível crítico dessas mensagens de forma sistematizada. Para a interpretação e análise, foi utilizado o método proposto por Minayo (2002, p. 43). Para ele, “Devemos descrever com clareza como os dados serão organizados e analisados”.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa realizada procurou identificar elementos que geram dificuldades na aprendizagem das crianças. Elementos esses que vão da forma em que são ministrados os assuntos em sala até a estrutura física e corpo docente da escola. Em relação à estrutura física, a escola possui boas condições, tem biblioteca, sala de robótica, sala de computadores e carteiras em boas condições. Foram entrevistadas duas professoras, uma do 2º ano a outra do 5º ano, e em seguida a entrevista foi realizada à gestora adjunta. Elas serão identificadas na pesquisa como E1, E2 e E3.

Quanto às entrevistas, elas foram efetuadas sobre a forma semiestruturada. Elas foram fontes primordiais para captar informações significativas através das opiniões e percepções dos sujeitos envolvidos no contexto escolar. Logo após a coleta de dados, originou-se o processo de análise de dados, composto no primeiro momento pela transcrição de dados e em seguida uma leitura e interpretação. As informações foram minuciosamente analisadas. Foram destacadas 3 (três) categorias: falta de formação na educação do campo, ausência da família no ambiente escolar e dificuldade de leitura e escrita nos anos iniciais.

4.1 Falta de professores com especialização em Educação do Campo

O curso de pedagogia, com área de aprofundamento em Educação de Campo, promove a formação de educadores capazes de exercer o levantamento das contradições existentes na realidade rural. Esse processo de formação da educação do campo traz o sujeito a se aproximar da realidade campesina, e ter o olhar de pesquisador. Em relação à especialização em educação do campo, as professoras relataram:

[...] olha, eu já trabalhei em outras escolas do campo, já tenho experiência na prática(E1).

[...] estou fazendo outra especialização, estou cursando neuropisicopedagogia, para entender um pouco como lidar com crianças especiais. Quando terminar, vou pensar em fazer para educação do campo(E2).

[...] nas aulas eu busco trazer a realidade dos alunos, educação do campo é isso...(E3)

Considerando os relatos, percebe-se nas falas dos entrevistados que o conhecimento obtido pelos profissionais da educação do campo é muito superficial. Achem que apenas relacionando algo ao cotidiano do aluno e tendo experiências profissionais em outras escolas já os torna aptos para lecionarem em uma escola considerada do campo. Tais conclusões não se relacionam com o pensamento de Molina (2017, p. 591):

Ao contrário da lógica da escola capitalista, a Educação do Campo tem-se pautado por uma matriz formativa ampliada que comporta diferentes dimensões do ser humano. Nessa perspectiva, a escola deve desenvolver com extrema competência o intelecto dos sujeitos que educa, mas não pode se furtar a trabalhar igualmente a formação de valores, o desenvolvimento político, ético, estético e corpóreo de seus educandos.

A especialização enfatiza a necessidade do reconhecimento histórico vivido pelos sujeitos do campo e isso se torna fundamental para se repensar e compreender os problemas enfrentados pelos sujeitos do campo. A educação do campo busca formar um educador com subsídios para promover práticas pedagógicas com ligação entre escola e campo e entre vida e escola. A escola deve estar preparada para mediar com os camponeses e, diante das lutas enfrentadas pelo capitalismo, ela deve se socializar com a comunidade, para juntos superarem os desafios existentes.

Segundo Molina (2017), o professor que trabalha com a concepção baseada na educação do campo vai buscar uma educação que anda na contramão da educação tradicional que traz uma visão de educação bancária. Seus métodos são depositar conteúdos de forma autoritária em seus alunos, e em momento algum há espaço de reflexão nas aulas, mantendo o professor como detentor do saber. Essa postura em sala de aula vai trazer prejuízos à vida dos alunos, tornando-os seres submissos, sem criticidade, que vão acatar tudo que lhes for proposto de forma irrefletida.

O pensamento de Molina (2017) faz sentido na medida em que traz uma visão de formação totalmente diferente da bancária, isto é, a educação do campo busca proporcionar e flexibilizar espaços e tempo educativo, desencadeando no educando uma postura flexível nas suas ações diante da comunidade camponesa. Desperta a emancipação do aluno, trazendo-o para ser protagonista da sua história, e lhe mostra como o ambiente do campo é rico em cultura. A relação professor/aluno é tratada de forma horizontalizada, na qual o professor aprende com o aluno, através do diálogo que é estabelecido em sala de aula para a troca de saber.

4.2 Relação família/escola na construção da aprendizagem

Outro aspecto importante que foi notado na entrevista foi a ausência do acompanhamento dos pais na vida escolar das crianças. Quando as professoras foram indagadas acerca de quais elementos dificultam a aprendizagem das crianças, ambas responderam com muita convicção que é a falta de apoio dos pais, conforme ilustram as falas a seguir:

[...] os problemas enfrentados na escola principalmente é a frequência dos pais nas atividades escolar, eles não se preocupam com frequência na escola, teve um caso de uma menina da minha turma que era bastante agressiva, ao chamar o pai, ele me falou que eu fizesse o que eu achasse melhor(E1).

[...] o número de pais participativos é pequeno, eu tento sempre chamar os pais para reunião para tentar conciliar o elo entre família e escola. Esse ano na primeira reunião dos pais enfatizei bastante a presença deles na escola, e os poucos que veio, eu estou sentindo resultado positivo. Eles ligam para saber de seus filhos, eu criei um grupo no *whatsapp* para se comunicar, já que muitos trabalham e não tem tempo de vira à escola(E2).

[...] os elementos externos que é a família é a grande dificuldade que enfrento na aprendizagem dos alunos. Os pais não participam ativamente na escola, o ano passado passei por uma grande dificuldade de dialogar, de dizer aos pais que é importante a criança está na escola. Um dia que ele falta é um dia que ele deixa de aprender...(E3)

Se a escola tem obrigações, deveres e cuidados com as crianças, a família tem esses mesmos deveres no processo educacional, o qual está amparado na LDB, que em seu artigo 2º nos revela que a educação é dever da família e do Estado, em que ambos têm a finalidade de desenvolver o pleno exercício da cidadania no educando.

Tal relato condiz com o pensamento de Polonia (2005), que coloca os pais como responsáveis por proporcionar o primeiro contato com o processo de aprendizagem. Os primeiros ciclos acontecem com a família. A primeira grande escola de qualquer pessoa é a família, por meio da qual se aprendem os valores éticos, de gentileza, de interação e de vivência com as diferenças. Começa dentro do seio familiar, mas o que se percebe é que com certa frequência há uma inversão dos papéis, em que os pais colocam a formação dos filhos cada vez mais a cargo da escola. Na visão de Polonia (2005),

Cada vez mais cedo, a escolarização se torna presente na vida das crianças e mais tarde tem finalizado. A introdução de modelos e maneiras de propiciar a interação entre a família e a escola, reconhecendo a contribuição e os limites da família na educação formal é fundamental

A cada dia que se passa as crianças entram mais cedo na escola em função da falta de tempo e da vida agitada levada pelos pais nos tempos contemporâneos. Em algum momento os pais têm que pensar o modo como estão realizando o papel de educadores no cotidiano dos seus filhos. Não se pode confundir a ideia de criar com a de educar.

Os pais devem ficar atentos a esse fato e, de acordo com Batista (2016), precisam ter consciência de que o papel da escola é instrumentalizar o indivíduo e gerar competências para a vida em sociedade, mas os valores éticos, morais e de convivência se iniciam na família e essa responsabilidade não pode ser repassada para ninguém. Os pais precisam mostrar interesse, valorizar o que o filho produz, precisam cultivar uma cultura familiar que favoreça a aprendizagem dos conceitos, de sorte que aquilo que é aprendido na escola seja vivenciado em casa.

As crianças devem ver algum sentido no que aprendem. Quando os pais mostram interesse e valorizam o que a criança é, a escola vê a diferença no processo educacional de forma positiva. Quando se tem uma formação integral do aluno no elo família e escola, apoiando as necessidades do aluno, essa aprendizagem acontece de forma mais benéfica.

O pensamento de Batista (2016) assevera que, para o desenvolvimento da criança, é necessária a compreensão da parte dos pais de que a família e a escola necessitam uma da outra e que, se cada uma cumprir seu papel, não sobrecarregará a outra, evitando dessa forma as dificuldades de aprendizagem da criança.

4.3 Dificuldades de leitura e escrita

Outro aspecto importante identificado na fala das entrevistadas foi a dificuldade de leitura e escrita que elas enfrentam todos os anos, relatado nas falas das professoras.

[...] enfrento uma dificuldade grande relacionada a leitura e escrita, esse ano a leitura ainda está mais ou menos, o ano passado foi pior (E1).

Quando questionadas sobre o que faziam para sanar o problema, responderam:

[...]Eu elaborei um projeto sobre ferramentas na aprendizagem, onde eu desenvolvi várias atividades que estimulam o aluno na leitura e escrita e uso material lúdico nas aulas como “truque de mágica” a “luneta” para chamar atenção deles para estimular a leitura das crianças (E1).

[...] na minha turma os alunos têm muita dificuldade de leitura escrita, existe uma sala de correção de fluxo, no primeiro horário eu mando os alunos que estão com

dificuldade de leitura/escrita para a sala de correção de fluxo, existe uma conciliação entre a professora da sala e eu, após o avanço dos conteúdos eles voltam para a sala e conseguem acompanhar o conteúdo (E2).

Essa sala de correção de fluxo funciona para sanar os problemas de leitura/escrita dos alunos do 2º ao 5º ano. No primeiro horário funciona com alunos do 2º e 3º anos e, após o intervalo, com estudantes do 4º e 5º anos. Os alunos que não estão conseguindo acompanhar o conteúdo nas aulas são enviados a essa sala até que consiga suprir sua dificuldade e, assim, acompanhar o conteúdo em sala. Esse avanço, segundo a professora, demora de um a dois meses.

A gestora relatou em sua entrevista os seguintes dados:

[...] ...o município participa do projeto “Educar pra Valer”, que veio de Sobral/CE, e é diretamente ligado a questão da leitura na aprendizagem dos alunos para que eles apreendam na idade certa, e tenham um bom desempenho e prepará-los para a prova do IDEB. Aqui na escola é tudo planejado e organizado, eu passo nas salas diariamente, olho o caderno das professoras para ver todo o planejamento delas, todo dia se começa com a acolhida depois tem a predição, que traz os elementos da aula passada, para os alunos não se perde. Esse projeto aqui na escola começou efetivamente ano passado, veio ajudando bastante nessa questão de aprendizagem de colocar os alunos leitores até o 2º ano (E3).

Na fala das professoras, percebe-se a preocupação delas em sanar as dificuldades, de modo que elas procuram meios para trabalhar em sala o interesse dos estudantes pela leitura através do lúdico. Tais atitudes condizem com o pensamento de Leal (2010), em que o processo de leitura não foca apenas na percepção visual do texto, mas que ler é um processo que requer reconhecer o som das letras e associar as palavras com as respectivas letras. Ler é um processo extremamente complexo que ativa várias áreas do cérebro.

Na fala da gestora se vislumbra algo mais preocupado com o projeto ao qual a escola aderiu, com um foco maior em se ter alunos leitores a fim de obter aprovação na prova do IDEB, o que acaba ficando algo quase que puramente técnico e que não visa promover uma aprendizagem significativa para o aluno. Nota-se que esse pensamento contradiz o de Tabile (2017), no qual a educação não pode ser de forma fria e técnica; pelo contrário, deve ter um laço emocional que prenda a atenção da criança, e a partir daí ela se envolva e veja sentido no que está lendo e escrevendo, marcando de forma positiva a aquisição do conteúdo daquela aula.

Dessa forma, identificamos nas falas das entrevistadas – professoras e gestora – dois olhares para o desenvolvimento da aprendizagem. Enquanto os professores procuram fazer aulas lúdicas para despertar o lado emocional da criança, a gestão vê mais o lado quantitativo

do que qualitativo do processo de aprendizagem. Mesmo com a escola adotando um projeto que objetiva formar alunos leitores, ainda há um número alto de alunos com déficit em leitura e escrita. De acordo com Tabile (2017, p. 81),

O ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário conhecer como o professor ensina e entender como o aluno aprende. Só assim o processo educativo poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender a pensar, a sentir e a agir.

Se a gestão começar a ter esse olhar da motivação em conjunto com as professoras, poderá diminuir o problema de leitura e escrita enfrentado pela escola no momento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da entrevista com as professoras e a gestora, em relação à dificuldade maior que elas enfrentam no dia a dia da escola, todas relataram a ausência da família, especialmente no tocante à falta de interesse dos pais em relação à criança na escola. Esse foi um elemento que diria o principal e maior problema encontrado na fala das entrevistadas. Em relação aos outros elementos, surgem a dificuldade de leitura e escrita, que muitos alunos enfrentam independente da série em que estejam, os objetivos traçados nessa pesquisa foram alcançados, foram encontradas três categorias, que se não forem trabalhadas no ambiente escolar, vem a prejudicar a aprendizagem das crianças, que são a falta de formação dos professores em educação do campo, a ausência da família no ambiente escolar e a déficit na leitura e escrita.

A pesquisa trouxe importantes reflexões sobre o papel que a família exerce na vida escolar da criança, de sorte que a interação entre família e escola cria pontes positivas e desperta o sentido e a importância daquilo que é aprendido na escola, sanando as dificuldades de aprendizagem do educando.

De toda maneira, a formação específica de professores na educação do campo influencia de modo tão significativo o processo pedagógico que pode diminuir os problemas relacionados com leitura e escrita., seja trabalhando com contextos vivenciados da vida da criança, trazendo sentido à realidade do campo, seja situando as coisas e situações corriqueiras do seu cotidiano. Logo, essa preocupação de se ter professores com especialização na educação do campo tem que partir da gestão, incentivando os professores a se especializarem na área do conhecimento na qual estão inseridos diariamente. Com essa experiência acadêmica, terão mais suporte para uma educação direcionada a esse público.

A análise apresentada nos garante que a educação do campo só será trabalhada de forma positiva se promover uma educação libertadora, colocando o aluno como protagonista do processo, trazendo sua realidade para dentro da sala de aula e despertando o lado crítico e a sua identidade cultural.

Assim, diante do que foi pesquisado, considera-se de fundamental importância estudos direcionados à relação entre família e escola, reafirmando a importância que esse elo faz na vida educacional da criança. Não menos importante é a especialização em educação do campo, a fim de que os profissionais que atuem nessas escolas levem para sala de aula uma pedagogia que traga a realidade dos sujeitos para ser dialogada e problematizada.

É preciso que se dê continuidade a pesquisas sobre a importância da interação da família no espaço escolar e a formação em educação do campo para os professores que ali atuam.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. A educação básica e o movimento social do campo- Brasília, DF: Articulação nacional por uma Educação básica do campo,1999. **Coleção por uma Educação Básica do campo**, n°2.
- BATISTA, Jullyane da Silva; PINHEIRO, Ana Carolina Santana; CAMPELO, Edilberto; ROCHA, Taffarel morais; MARTINHO, Mailson. **A importância da Família no Processo ensino Aprendizagem dos alunos das Series Iniciais do Ensino Fundamental**. Anais III Conedu.v.1,2016
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.
- DAROS, Silvia Maria; MELO, Aécio Rodrigues. Os Desafios da escola pública Paranaense na Perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**, Vol 1. Paraná,2013.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** .São Paulo: Paz e terra, 1977.
- LEAL, Flavimilton dos Santos- As dificuldades do ensino e aprendizagem no ensino fundamental I-**Análise das dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental I, da Escola Municipal Damásio Eugênio de Sousa em JAICÓS-PI**. Monografia(Licenciatura em pedagogia)_Faculdade evangélica Cristo rei-FECCR, Jaicós-PI,2010.
- MINAYO, M^a Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Célia de Abreu. **Avanços e Desafios na Construção da educação do Campo**. Em aberto, Brasília,v.24,n.85,p.17-31.Abr.2011.
- MOLINA, Mônica Castagna. Contribuições das licenciaturas em educação do campo para as apólicas de formação de educadores.**Educ.soc**,Campinas,v.38,n°.140,p.587-609,jul.-set.,2017
- POLONIA, A. C; & DESSEN, M. A. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**. 9 (2), 303-312. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>. Acesso em 05 mar 2020.
- PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA. Lei n.9.394 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário oficial**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- SANTOS, Anilza Correia. **Dificuldades de Aprendizagem em escolas do Campo**. Matinhos, PR: UFPR,2014.
- SOUZA, Maria Antônia. Educação do Campo: Políticas, Práticas Pedagógicas e produção Científica. **Educação e sociedade**. Vol.29 n.105. Campinas set/Dec. 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000400008>Acesso em: 27 Fev. 2020.

TABILE ,Ariete Frohlich; JACOMETO, Marisa Claudia Durante. Fatores influenciadores no Processo de Aprendizagem: Um estudo de Caso. **Rev. psicopedagogia**. Lucas do Rio verde, MT, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Entrevista

- 1 Na sua percepção, quais os elementos que dificultam a aprendizagem dos alunos em uma escola do campo?
- 2 Como você avalia a estrutura oferecida pela escola?
- 3 Que outros elementos você destacaria como importantes para a aprendizagem dos alunos?

APÊNDICE B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO-DEC
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre Educação do Campo: Elementos que dificultam a aprendizagem, como recurso pedagógico na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Deputado Jose Mariz, e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Raquel Simão Silva, aluno do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia - Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Ricardo de Carvalho Costa. Os objetivos do estudo são: observar as dificuldades no processo de aprendizagem em uma escola do campo, levantar os elementos que dificultam a aprendizagem em uma escola do campo e analisar as dificuldades presentes na escola que afetam a aprendizagem.

A finalidade deste trabalho é contribuir para coleta de dados para enriquecimento das informações do meu trabalho de conclusão de curso, visando analisar os elementos que dificultam a aprendizagem na educação do campo.

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso).

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

**Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal**

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Raquel Simão Silva.

Endereço: Rua Francisco Porfirio Ribeiro N° 2601, mangabeira IV, João Pessoa – PB.

Telefone: (83) 988259046

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE pondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

